

Relatos de sonhos jamais vividos: o peso da intelectualidade “engessada” nas trajetórias acadêmicas abandonadas.

Bernardo Cardoso de Almeida Vieira-Graduando em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Palavras-Chave: Antropologia dos Intelectuais, Etnografias universitárias e Psique-Acadêmica.

Inicialmente, esse trabalho surge a partir de uma indagação pessoal proveniente de dois relatos familiares que desmascaram a violência de gênero no espaço universitário, evidenciando de que maneira certas experiências de exclusões permanecem enraizadas na memória trazendo consigo traumas e interrupções de sonhos jamais vivenciados.

Nesse sentido, a minha ideia aqui seria brevemente desmistificar essa visão encantada atribuída às instituições de ensino público mobilizando dois casos particulares de agressão verbal e silenciamentos sofridos, responsáveis pela modificação de trajetórias e destinos. Dito isso é válido ressaltar que ambas as interlocutoras são mulheres cisgênero brancas de classe média com pós-graduação, assim o principal marcador social da diferença tensionado ao decorrer dos relatos é a questão da influência de gênero sob determinados acessos nesse campo científico protagonizado por esse padrão masculino.

A primeira agressão ocorreu no momento da graduação em psicologia de Ana, quando ela reprovou em uma matéria no momento de retorno a faculdade após um ano de trancamento proveniente do período de gestação, pois segundo ela o professor não compreendeu o seu pedido de saída antecipada das aulas para buscar seu filho na creche e isso acabou a reprovando por falta.

O outro caso aconteceu durante uma cadeira de fisiologia, matéria originalmente do terceiro período, quando Ana se encontra em uma turma formada em sua maioria por jovens com idades entre 19 e 23 anos, ainda sem emprego formal e moradia própria, nessa perspectiva ela se sentia enquanto uma outsider daquele universo, justamente por já ser mãe aos 28 anos e ter que conciliar maternidade, faculdade e trabalho remunerado.

Sob essa ótica, ela recordava em certo tom de leveza e divertimento o fatídico Dia do Trabalho final dessa disciplina, que deveria ser realizado em grupo, contudo a ausência de trocas afetivas naquele espaço, resultado da diferença de idade e período de vida, além de gerar uma dificuldade perante a conclusão da atividade em si, evidencia de que modo certos estigmas se expressam simbolicamente e cotidianamente nas universidades como por exemplo o etarismo e a visão negativa atribuída a mães estudantes.

Ademais, embora Ana tenha concluído a sua graduação e posteriormente a pós no âmbito da atenção psicossocial na área da infância e adolescência, fica implícito que a sua trajetória profissional foi modificada por esses atravessamentos dolorosos, evidenciando então de que maneira o espaço universitário se constitui enquanto um local reprodutor de violência simbólica, pautada em relações de poder hierárquicas e autoritárias, que constituem uma divisão ilusória entre os pertencentes e os apartados nas salas de aula, logo isso se torna explícito pelo tratamento de determinados docentes a seus

alunos, colocados então nessas “caixas classificadoras” de outsider ou Insider daquele mundo.

Contudo, embora esses entraves tenham sido modificados ao decorrer desses últimos 15 anos de afastamento, as posições discentes e docentes permanecem regidas por uma normatividade masculina cis-heteropatriarcal.

Apesar do sofrimento narrado, Ana ainda expôs um certo fio condutor esperançoso diante de um possível retorno a academia para um mestrado ou doutorado, enfatizando a importância da produção desse tipo de conhecimento para as implicações do mundo prático, assim mesmo sendo uma vítima desse espaço “enrijecido e encastelado” permanece acreditando na ciência e no poder da intelectualidade para a construção de melhorias no âmbito político e sociocultural.

Todavia, antes de trazer o próximo relato-afetivo, gostaria de destacar a problemática atribuída aos intelectuais em sua maioria, vistos pelo cenário público enquanto mentes iluminadas e profetas divinos responsáveis por conceber soluções fantásticas para as questões sociais que acometem o cotidiano, sendo assim é essencial retirarmos os acadêmicos desse local sacralizado que os constitui enquanto “guias para um mundo melhor”.

É preciso pontuar que eles não devem ser analisados como “gênios iluminados” que carregam o poder comunicativo e linguístico universal perante a resolução das problemáticas globais. A autoridade catedrática deve assumir um determinado protagonismo que deve ser reconhecido e preservado, já que o universo cosmopolítico universitário juntamente a elite intelectual vem sendo deslegitimado e atacado na esfera popular perante um exponencial avanço do discurso neoliberal de desconfiança e hostilidade para com a atividade hermenêutica, nesse sentido penso em qual seria a responsabilidade da comunidade científica para com o “real além dos muros” pensando no papel das humanidades.

No entanto, devemos entender que essa classe não permanece alheia à coletividade numa espécie de bolha encantada, logo a luta por um mundo menos hierarquizado, individualista e desigual deve ocorrer de maneira conjunta e solidária, compreendendo que se trata de um processo longo e mundializado em todas as esferas.

Em virtude disso, esse discurso imaginativo que concebe a universidade na posição de um castelo exclusivo somente aos “eleitos e notáveis detentores da razão transcendental”, acaba influenciando diretamente o relato de Kátia, marcado por sentimentos de raiva e ressentimento perante essa figura, analisando esse espaço de circulação dos acadêmicos como um local de acesso impossibilitado, cujas oportunidades em nenhuma circunstância poderiam alcançá-la.

Adentrando, Kátia relata com extrema vivacidade e entusiasmo o seu período de graduação em geografia, afirmando ser a melhor época de sua vida, já que se identificava com as matérias cursadas ao mesmo tempo em que alcançava oportunidades de trabalho satisfatórias chegando a ser professora efetivada em um dos maiores cursos preparatórios para vestibular do Rio de Janeiro, o colégio e curso PH.

Dessa maneira, segundo ela “as coisas começaram a desandar” quando iniciou o mestrado em outra universidade considerada a de maior prestígio e impacto no campo científico, pois como foi dito “quase não havia mulheres na minha turma”, sendo então um campo predominantemente masculino reprodutor dessa exclusão generificada, evidenciando um afastamento não geográfico ou espacial, porém simbólico e afetivo.

Nessa lógica, durante os dois anos de qualificação, determinadas lembranças evidenciam um não local de pertencimento, ou seja, um não lugar, rememorados a partir de algumas atitudes agressivas por parte de colegas que impactaram diretamente a sua trajetória de vida, resultando em um encerramento não exclusivamente de sua atividade acadêmica, como conjuntamente da possibilidade de exercício da geografia enquanto profissão.

Partindo desse abandono, ao decorrer do diálogo notei como esse momento de frustração e perda de um caminho futuro alinhado a esse discurso do acadêmico enquanto um profeta-divino, resultou em um sentimento produtivo de desgosto perante a figura do intelectual, que passou a ser visto como um ser abominável, que utiliza do seu elevado capital científico e cultural para deslegitimar experiências compartilhadas por outros grupos não pertencentes a esse padrão do homem cis heteronormativo branco.

Em contrapartida, ela permanece sob um certo paradoxo, pois ao mesmo tempo em que critica profundamente a figura do *Homus Academicus*, detentor do poder disciplinador, reconhece que os espaços de ensino superior públicos são os de maior relevância e legitimidade na produção científica nacional, assim penso como essa visão pode se constituir enquanto uma possibilidade de reflorestamento desses espaços, dado que a atividade hermenêutica e empírica deve ser reatualizada para novos atores e saberes em disputa.

Em suma, ambos os relatos provenientes de parentes-interlocutoras sendo elas Ana e Kátia me possibilitaram trazer à tona certas questões emergentes no cenário acadêmico atual, pensando que tipo de universidade nós discentes e docentes desejamos construir e nesse sentido quem é autorizado a realizar esse questionamento, logo quais os agentes responsáveis por concretizá-lo.

Trazendo esse processo de transformação como não exclusivamente pontual e individual, porém estrutural e coletivo, trata-se nessa perspectiva de uma movimentação insurgente no tempo presente em meio ao avanço do neoliberalismo pelos governos de extrema direita juntamente a potencialização da desconfiança pública perante as universidades, me questiono como essa atividade pautada em um modelo fechado de discussão somente entre seus “pares” tratado enquanto neutro e “imparcial” acaba fomentando a construção de uma trajetória individualista voltada para o engrandecimento pessoal desse “eu pesquisador”.

Mediante o exposto, como é possível enfrentarmos esse padrão marcado pela exclusividade e o silenciamento, que utiliza dos marcadores sociais da diferença enquanto dispositivos de manutenção do poder, visando a propagação de estigmas que perpassam gênero, raça e classe, tendo por finalidade não apenas a renovação dessa exclusão como conjuntamente a sua propagação no âmbito intelectual, científico e político.

O seguinte trabalho será
apresentado na 35 Reunião
Brasileira de Antropologia (RBA)
em julho de 2026.

Nomes fictícios foram
atribuídos as parentes
interlocutoras, visando
preservar a sua identidade.

Sob esse ponto de vista, quando pensamos na tradição antropológica vemos recorrentemente nas monografias etnográficas clássicas como os nuer e os trobriand, um processo de construção da alteridade pautada sempre nessa dicotomia entre o eu, homem-branco dito civilizado, etnógrafo do norte global em oposição ao “outro” nomeado enquanto nativo e não ocidental, partindo de um pressuposto colonial e eurocêntrico fundante da antropologia que analisa o não-eu como inferior e divergente.

Desse modo, esse outro acaba sempre sendo analisado sob uma conotação negativa e reducionista, que coloca esses interlocutores fragmentados no espaço-tempo, impossibilitados de partilharem códigos culturais e temporais com esse eu pesquisador, partindo da construção de um novo tempo contrário à coetaneidade.

Sob essa perspectiva, não devemos cair em um oceano de estigmatizações, classificações reprodutoras de hierarquias e relações assimétricas, pois se estamos abordando a convivência universitária buscamos constituir um espaço verdadeiramente compartilhado e aberto à multivocalidade e presença. A partir disso, compreendemos que todos os seres humanos são produtores de conhecimento e saberes igualmente relevantes, dito isso devemos produzir uma política de enfrentamento generalizada tendo enquanto princípio uma noção de luta interseccional, logo é essencial analisarmos tanto os relatos quanto os pós-relatos como instrumentos reflexivos essenciais para essa construção.

Dessa forma, trata-se de analisar essa mudança de trajetórias e modificações de destinos pensando em tornar esses não pertencimentos resultantes das agressões e locais de apagamento em uma oportunidade produtiva para a reestruturação do espaço acadêmico, levando em consideração que essa ação deve ser partilhada e multifocalizada, trazendo uma diversidade de vozes e agentes em distintas posições nesse campo, visando a inclusão não unicamente simbólica e discursiva como também material e representativa.

Isto posto, como já apresentado pelo antropólogo estadunidense Clifford Geertz (1989), trata-se de “pensar e imaginar mundos com esse outro”, a fim de produzir um fazer científico mais simétrico, entendendo que a tarefa do pesquisador e acadêmico é de amplificar a circulação dos saberes e abrir o espaço universitário para a entrada de outros atores com distintas trajetórias, realidades, corporalidades e origens.

Sendo assim, os relatos produzidos por Kátia e Ana são somente dois exemplos entre muitos casos de desistência da carreira acadêmica devido às dores e vivências diante dos não lugares constantemente reafirmados nesses locais de sala de aula, reforçados pelos estigmas enraizados nos corpos docentes e discentes.

Retomando essa perspectiva de reivindicação para a emancipação e descentralização do fazer intelectual, quando penso em reestruturação não se trata de uma destruição do “modo como nós fazemos as coisas”, mas sim de uma inclusão e amplificação dos atores que circulam nesse espaço, modificando nessa ótica a produção do que denominamos ciência e consequentemente antropologia.

Perante o que foi apresentado na descrição penso em como a estrutura acadêmica brasileira se constrói por intermédio de uma psique única que reproduz um processo de individualização constante da realidade, gerando uma espécie de barreira invisível que separa as trajetórias coletivas formulando uma experiência mental solitária, voltada para

O seguinte trabalho será
apresentado na 35 Reunião
Brasileira de Antropologia (RBA)
em julho de 2026.

Nomes fictícios foram
atribuídos as parentes
interlocutoras, visando
preservar a sua identidade.

a produção própria, concebendo uma falsa sensação de autonomia e engrandecimento pessoal.

Sob essa narrativa, segundo o sociólogo alemão Georg Simmel, o estilo de vida metropolitano é socialmente construído por intermédio da calcularização da realidade pautada em um conceito nomeado como atitude blasé, que se constitui por um alargamento da neurose humana enquanto uma estratégia de sobrevivência do indivíduo no contexto urbano, composto por múltiplos eventos e pontos de atenção simultâneos que acabam deturpando o funcionamento cerebral, assim o distanciamento psicológico baseado em um individualismo isolacionista é necessário para a manutenção da vida nas cidades.

Em decorrência disso, a vida na metrópole permite a performance desse distanciamento diante do calculismo constante, tendo por objetivo primário o ganho de capital monetário sob uma redução do tempo, sob esse viés o espírito objetivado e individualizado é um mecanismo latente de constituição do capitalismo moderno urbanizado, logo entendo que essa atitude individualista e ignorante, ou seja blasé, pode ser aplicada ao campo intelectual, dado que vivemos em uma lógica produtivista de constantes especializações e publicações, voltadas para o ganho de capital cultural e conjuntamente financeiro.

Em analogia, o “capitalista cientista” se constrói por um interesse alinhado ao um desinteresse, já que tem por objetivo se destacar e “brilhar” no campo, tentando manter a sua originalidade e não ter as suas ideias e autenticidade roubada, logo trata-se de uma vontade de triunfo matematizado e arquetizado voltado para uma posse não meramente monetária e material, porém pelo ganho de legitimidade e conquista de um certo status social ou seja é gerado um habitus científico, sistema de disposições duráveis mobilizadas para a acumulação de poder e consagração nesse espaço da intelectualidade.

Nessa concepção, cabe pensarmos que as universidades são produtos do corpo social e reproduzem então a sua lógica de funcionamento, baseadas na lucratividade sob um maior rendimento e produção perante um menor tempo, sendo assim a psique da vida metropolitana pode ser estendida para uma psique acadêmica, pautada no individualismo e na produção empírica formulada com o propósito de ganho financeiro e reconhecimento simbólico entre os seus pares.

Em virtude disso, as ciências sociais e a antropologia não estão imunes de reproduzirem essa engrenagem centrada em si, enraizada por essa psique-acadêmica pautada na produção científica para o reconhecimento do eu, dito isso devemos estar atentos para esse mal buscando produzir monografias, dissertações, teses e trabalhos etnográficos baseados na simetria ética e constituição de uma saber público e partilhado com o mundo, visando não unicamente uma transparência da pesquisa e de seu caráter metodológico, mas sim tornar essa atividade intelectual em uma informação produtiva e relevante para o público generalizado, composto não somente por outros catedráticos.

Conjuntamente a essa noção de compartilhamento da produção acadêmica e possível divulgação científica, como já havia sido supracitado pela filósofa norte americana Donna Haraway(1995), “Saberes localizados requerem que o objeto do

O seguinte trabalho será
apresentado na 35 Reunião
Brasileira de Antropologia (RBA)
em julho de 2026.

Nomes fictícios foram
atribuídos as parentes
interlocutoras, visando
preservar a sua identidade.

conhecimento seja visto como um ator e agente, não como uma tela, ou um terreno, ou um recurso, e, finalmente, nunca como um escravo do senhor que encerra a dialética apenas na sua agência e em sua autoridade de conhecimento objetivo”.

De acordo com a ótica da pensadora a produção do conhecimento científico necessita ser situada e contextualizada, entendendo que todo saber é produzido por um determinado agente em um local e temporalidade específicos, assim não deve ser universalizado e naturalizado, pois é construído sob certas particularidades e posicionalidades que influenciam diretamente naquilo que está sendo constituído, logo os pressupostos de neutralidade e imparcialidade são desmistificados entendendo que o fazer ciência envolve subjetividade, corpo, território e trajetória.

Sob esse ponto de vista, abordar saberes corporificados e subjetivados em uma academia demarcada por esse imaginário da neutralidade, imparcialidade e rigidez de não influência do eu na pesquisa, acaba impondo um desafio perante esse movimento de abertura e ampliação da agencidade no conhecimento científico, pois quando contextualizamos e situamos essa produção, acabamos deslegitimando essa narrativa profética encastelada da psique-acadêmica, compreendendo que todo sujeito pode ser produtor de um saber válido e legítimo. Dessa forma a ampliação de atores e vozes na universidade não é um movimento prejudicial, porém benéfico e produtivo.

Com isso, essa não reestruturação, ou seja a estatização do modelo acadêmico juntamente à sua hostilidade com o mundo, parte de uma resistência dos antigos intelectuais que além de se verem no local de reprodução do dom profético, acabam por legitimar os preconceitos e estigmas nesses espaços, conseqüentemente a exclusão não provém de uma ação individualmente planejada, contudo se torna entendida enquanto um projeto institucional para a manutenção de um grupo no poder dessa academia em declínio, sob o controle das narrativas e produções em circulação.

Então, é preciso nos atentar para o fato da ocorrência dessa hegemonia do saber no próprio campo das humanidades e do fazer antropológico, que acabam dominando os discursos e as temáticas popularizadas, nessa lógica vemos como o nosso próprio universo de estudos está sujeito a estas disputas internas por legitimidade formulando um espaço de combates e discussões voltadas para o controle e voz.

Dessa maneira segundo Bourdieu (2004), “A luta científica é uma luta armada entre adversários que possuem armas tão potentes e eficazes quanto o capital científico coletivamente acumulado no e pelo campo”, com isso eu me pergunto se é possível pensarmos em uma antropologia dos intelectuais repensando a própria produção científica e etnográfica em que o antropólogo está integrado e faz parte do seu próprio campo de pesquisa, assim esse muro de divisão do eu e o outro é desestabilizado e desestimulado.

Portanto, falar em etnografias universitárias ainda é uma temática desafiadora em um terreno não muito estruturado e aberto, dado que a teoria antropológica vem sendo constituída perante um fazer etnográfico pautado em uma alteridade radicalizada, ou seja, um outro diferenciado de mim. Em contrapartida como seria possível a comunidade intelectual analisar trabalhos que se diferenciam dessa tradição e acabam por observar grupos compostos por eus e pares próximos, por exemplo como um antropólogo pode

O seguinte trabalho será
apresentado na 35 Reunião
Brasileira de Antropologia (RBA)
em julho de 2026.

Nomes fictícios foram
atribuídos as parentes
interlocutoras, visando
preservar a sua identidade.

realizar uma observação participante sobre o cotidiano, rituais e habitus de outros antropólogos e cientistas sociais.

Por fim, essa é uma questão que vai além do âmbito disciplinar e atravessa as humanidades em geral, dado que no campo da história, a história da intelectualidade ou seja a história dos intelectuais, já vem se consolidando enquanto um campo de estudos autônomo, pensando no papel das ciências humanas perante a crise do neoliberalismo e construção de outros espaços de ensino e experiências educacionais, entendendo a modificação da era digital e tecnológica na geopolítica do conhecimento, levando em consideração a defesa da autenticidade academicista perante um universo potencializado pela linguagem verbal em detrimento da perda de legitimidade da escrita e atividade hermenêutica.

Sob essa narrativa, partindo dos relatos das interlocutoras familiares e afetivas, juntamente a uma proposta de reestruturação do campo intelectual perante a entrada de novos atores e vozes que circulam nesses espaços, penso que é necessário defender esse “modo como nós fazemos as coisas” ao mesmo tempo em que questionamos a reprodução de estigmas sociais e processos de exclusões nesses locais de produção dos discursos empíricos, partindo de um reflorestamento das temáticas e agentes em campo, visando a consagração dessa abertura. Nesse sentido no universo multidisciplinar das humanidades, a antropologia deveria “se inspirar” no campo historiográfico tendo por objetivo repensar a sua própria atividade e função social, visando contribuir para as implicações práticas e cotidianas.

Concluindo, realizar etnografias universitárias e pensarmos em um trabalho antropológico que observe justamente o seu próprio universo é uma atividade essencial e delicada que deve ser realizada sob um cuidado ético, metodológico e moral, buscando atualizar a disciplina no cenário público, trazendo à tona temáticas emergentes do corpo social ao mesmo tempo em que busca a abertura desse espaço intelectualizado e “engessado”, partindo de uma amplificação de agência e vocalidade, tendo por finalidade não reproduzir certos estigmas enraizados na vida cotidiana como o machismo e a lógica patriarcal.

Finalizando, fazer uma antropologia dos intelectuais, da ciência e até dos próprios antropólogos parte de uma tentativa de corporificar, subjetivar e efetivar esses saberes, entendendo que as trajetórias acadêmicas interrompidas por essa visão encastelada do nosso campo não devem ser reproduzidas geracionalmente muito menos potencializadas pela própria comunidade científica, dado que se estamos falando de instituições públicas de ensino e pesquisa elas devem adotar uma postura aberta e comunicativa com as mentes e corpos que circulam nesse espaço, buscando democratizar e desierarquizar essa legitimidade proveniente dos acadêmicos que constituem esse padrão de quem é ou não autorizado a produzir antropologia.

Referências Bibliográficas:

- BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. Lutas de classificação. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Boitempo, 2021.
- DAVIS, Angela Y. *A liberdade é uma luta constante*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ELIAS, Norbert. *A sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- FABIAN, Johannes. Fazendo um balanço: o discurso antropológico e a negação da coetaneidade. In: FABIAN, Johannes. *O tempo e o outro: como a antropologia constrói seu objeto*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. [Cap. "Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura", pp. 13-41.]
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7–41, 1995.
- SIMMEL, Georg. Indivíduo e sociedade nas condições de vida dos séculos XVIII e XIX. In: SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. 1903. In: SIMMEL, Georg. *O indivíduo e a liberdade: ensaios de crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- KRENAK, Ailton. *O futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- TEDESCO, Alexandra Dias Ferraz. *A universidade em seus críticos: uma história intelectual do anti-intelectualismo*. São Paulo: Autografia, 2025.